

JORNALISMO LITERÁRIO E O PIONEIRISMO DE LILLIAN ROSS: Análise da Obra “Cinema e outras reportagens”¹

Thais Aparecida de Mello Barion

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru/SP

Osvando José de Moraes (Orientador)

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru/SP

Resumo

A presente pesquisa analisou a obra “Cinema e outras reportagens” de Lillian Ross, jornalista norte-americana precursora do *New journalism*. Este gênero que marcou os Estados Unidos nos anos 1960. Pretendeu-se entender a forma de articulação da escrita de Lillian Ross, comparando os recursos narrativos literários utilizados por ela com os utilizados por outros autores que compõem o mesmo contexto, por exemplo, Gay Talese e Truman Capote. Articulação esta que formou a base deste estudo sobre o jornalismo literário, suas características e performances que mudaram os modos de fazer, a forma, transmissão e tratamento da informação. Além de permitir as discussões sobre os limites tênues entre o jornalismo em sua essência e o jornalismo literário, que se situa entre a cultura, a verdade e a ficção.

Palavras-chave

Jornalismo; Literatura; Jornalismo literário; Lillian Ross; Cinema e outras reportagens.

Corpo do trabalho

A comunicação sempre esteve presente na sociedade, principalmente nas relações interpessoais. O ato de transmitir informações e trocar experiências teve como resultado a sobrevivência humana desde os primórdios da humanidade. Desta forma, o jornalismo também é importante nas relações entre as pessoas, ainda mais com as mudanças estruturais percebidas em sua relação com as tecnologias que se renovam constantemente.

No entanto, antes de pensar na atualidade é interessante ressaltar que a área da comunicação em geral passou por mudanças que refletem no que se tem como jornalismo hoje. Uma dessas influências foi a literatura, ponto chave nesta pesquisa para a compreensão das dinâmicas envolvidas na profissão. Esta aproximação entre jornalismo e literatura é muito mais antiga do que aparenta. Isto porque os escritores literários eram os responsáveis pela

¹ Trabalho apresentado no Espaço Jovem Pesquisador, na categoria Trabalhos de Conclusão de Curso (monografia), atividade integrante do XIV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

produção dos primeiros veículos noticiosos, imprimindo nas produções suas influências ficcionais.

Discutir diretamente o assunto jornalismo literário exige um aprofundamento acerca de argumentos e definições sobre cada conceito isoladamente. Assim, será possível entender aspectos próprios de cada um e como eles se inter relacionam, por meio da comunicação, base comum que permite rever os processos em suas diversas teses.

Para Traquina (2005, p. 19), “Um exame da maioria dos livros e manuais sobre jornalismo define as notícias em última análise como tudo o que é importante e/ou interessante. Isto inclui praticamente a vida, o mundo e o *outer limits*”. Já a literatura se aproxima da ficcionalidade e do estilo. “Na acepção lata, literatura é tudo o que aparece fixado por meio de letras - obras científicas, reportagens, notícias, textos de ‘propaganda, livros didáticos, receitas de cozinha etc’” (ROSENFELD, 2000, p. 11).

Mesmo na tendência a se pensar literatura como “belas letras” ou “beletrística”, como comenta Anatol Rosenfeld, o conceito é muito mais abrangente do que parece. Assim, surge a discussão sobre o caráter ficcional ser um ponto de definição para a literatura. Mas desta forma, produções do jornalismo literário não poderiam ser consideradas como literatura por terem como base o real. Ao mesmo tempo, conforme a definição anterior reportagens e notícias seriam literatura. Se assim for, muito facilmente resolveremos a questão. Mas não levar em conta tantos aspectos que envolvem a caracterização de ambos é negligenciar uma realidade.

Deste modo, pensar sobre pontos de convergência ou divergências que garantem que jornalismo e literatura não poderiam ser visto como a mesma coisa. “Talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou ‘imaginativa’, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar.” (EAGLETON, 2001, p. 2). Da mesma forma que o jornalismo, na literatura: “Os discursos narrativos midiáticos se constroem através de estratégias comunicativas (atitudes organizadoras do discurso) e recorrem à operações e opções (modos) lingüísticos e extralingüísticos para realizar certas intenções e objetivos” (MOTTA, p. 2, s.d.).

Apesar da relação antiga, somente em 1960 nos Estados Unidos o conceito de jornalismo literário ganha força. Época de mudanças e revoluções sociais e culturais. Ganha destaque grandes nomes até hoje conhecidos, como Truman Capote e Gay Talese. Jornalistas que foram para além das salas de redações, buscaram novos horizontes, temas e modos de escrita.

No entanto, grandes nomes desta época permanecem sem a visualidade devida. Este é o caso de Lillian Ross, jornalista norte-americana que quebrou os paradigmas de gênero. Na

época, dificilmente se encontravam mulheres nas empresas jornalísticas, ainda mais como precursora do jornalismo literário.

O jornalismo literário é marcado por um processo que se configura em uma estrutura narrativa próxima à ficção. Inclui-se o uso de diálogos, personagens, pensamentos, flashbacks e outros recursos comuns à literatura que garantem a aproximação entre os dois gêneros. O jornalista se faz muitas vezes participante da história, por meio de uma narrativa em primeira ou terceira pessoa, reduzindo a distância do jornalista da escrita. No jornalismo literário a objetividade:

[...] não é a negação da subjetividade, mas uma série de procedimentos que os membros da comunidade interpretativa utilizam para assegurar uma credibilidade como parte não-interessada e se protegerem contra eventuais críticas ao seu trabalho. (TRAQUINA, 2005, p. 139).

No Brasil, o jornalismo literário também está presente. Um dos clássicos exemplos é o livro “Os sertões”, de Euclides da Cunha ou a revista *Realidade*, que trouxeram novas formas para um jornalismo até então baseado nos famosos folhetins. Hoje tem-se a revista *piauí* e escritores como Daniela Arbex, Caco Barcellos e Eliane Brum que garantem em parte a permanência do gênero.

Lillian Ross

Lillian Ross nasceu em Syracuse, Nova York, no ano de 1918 e foi criada no Brooklyn. Filha de Edna e Louis Rosovsky, imigrantes da Rússia, formou-se em Nova York na Hunter College e na Cornell University. Sua fama aconteceu por meio da seção “Talk of the Town”, de curtos artigos.

Um dos marcos fundadores do jornalismo literário foi o livro de Lillian “Filme”, em 1952, no qual acompanha os bastidores de um filme produzido por John Huston. A obra foi considerada como o primeiro “romance de não ficção”, expressão que seria usada por Capote para definir seu livro “A Sangue Frio” em 1966. Outro livro de sua trajetória foi o “Vertical end Horizontal” em 1963 que vários contos.

Lillian foi uma grande referência a outros jornalistas do gênero, como pode ser visto na apresentação feita por Ivan Lessa no livro “A sangue frio” de Truman Capote. Conforme Lessa, Lillian Ross era um modelo para Truman, com “o que ela fizera com *Picture*,

extraordinária reportagem literária em que ela acompanha John Huston e a filmagem de uma adaptação do romance *The red badge of courage*, de Stephen Crane” (CAPOTE, 2003, p.11).

A escolha do tema para o presente trabalho teve o propósito de resgatar uma jornalista pouco conhecida no Brasil, bem como a falta de pesquisas acadêmicas sobre esta pioneira do jornalismo literário. Para realizar o trabalho, foi necessário uma contextualização da vida pessoal e profissional de Lillian, por meio de suas obras. Só a partir desta tarefa foi possível identificar características de sua forma de escrita dentro no gênero, o que foi feito por meio da análise do livro “Cinema e outras reportagens” da autora.

O livro reúne quatro reportagens, “O ônibus amarelo”, “Um toureiro e suas excentricidades”, “Perfil de Hemingway” e “Cinema”. Este último, uma de suas mais famosas produções, feita ao acompanhar as gravações de um filme de John Huston e mostrar os bastidores da indústria cinematográfica norte americana.

Importante ressaltar que a presente pesquisa não chegou a conclusões fechadas, mas a discussões que muito contribuem para os estudos sobre jornalismo literário. Até porque a área ainda permanece como um campo aberto e amplo à diversas interpretações.

Foi-se analisado, assim, comparado a especificidades da escrita de Lillian com trabalhos de autores do mesmo gênero e/ou contexto histórico. Sendo eles: Euclides da Cunha, que possibilitou trazer as discussões para o contexto nacional; Truman Capote e Gay Talese, expoentes da mesma época e localidade de Ross; e Ernest Hemingway, escritor literário e objeto de um dos perfis de Lillian, que permitiu fazer uma comparação da essência do autor com a forma como foi representado pela jornalista. Visualizou-se que certos recursos narrativos foram comumente usados pelos autores analisados, sendo estes elencados a seguir.

Cinema

O uso de recursos narrativos literários que buscavam aproximar a escrita de formas e usos cinematográficos como o corte e mudanças de cenas, ou focos narrativos. Recursos literários como frases curtas ou ponto final entre palavras como forma de representar ações ou descrições que faziam o leitor imaginar de forma mais próxima o relatado.

Além de se aproximar da literatura, o estilo de escrita de Ross também toma como base recursos cinematográficos. O modo como a história é desenvolvida possibilita ao leitor a mudança de cenários, ambientes, inclusive o desenrolar psicológico da trama. Uma ferramenta da ficção usada no jornalismo literário é a descrição ambiental e temporal, como em: “O sol já se tinha posto, e a luz que entrava na suíte, no alto da Torre, estava começando

a se dissipar” (ROSS, 1977, p. 111). Como as descrições, Lillian também consegue acrescentar velocidade e um grau de dramaticidade ao texto.

Todos estavam em silêncio. Huston levantou a mão que estava enfiada na manga do sobretudo e procurou o pulso. O trem do elevador da Terceira Avenida passou barulhento, mas logo se fez silêncio novamente. (ROSS, 1977, p. 117).

Conforme o “Vocabulário crítico” de Nilson Lage (2006, p. 86), *Fade* é o “aparecimento ou desaparecimento gradual de imagem e/ou som”. Sendo o primeiro conhecido como *fade-in* e o segundo *fade-out*. Esses conceitos não existem para a palavra ou a escrita. Quando se fala então da importação de recursos cinematográficos ao jornalismo literário é feito na verdade uma tentativa de reprodução desses recursos do cinema para a forma linguística. Para isso são utilizados recursos como as frases picadas ou curtas:

Uma tempestade. Chuva. Em quantidade. Dick saiu correndo. Perry correu também, mas não conseguia correr tão depressa; suas pernas eram mais curtas, e estava carregando a mala. (CAPOTE, 2003, p. 236).

Na forma narrativa de Truman, parece existir uma câmera registrando dois focos distintos até que se encontram. Cada vez que se aproxima mais do momento do crime, a narrativa ganha velocidade e fica mais enérgica. Isso pode ser visto com estes focos citados não só em sentido, mas na forma: ficam menores os trechos de um e de outro.

“Desceu a noite. Ouvia-se, muito longe, ao norte, soturno e compassado, rolando surdamente no silêncio, o bombardeio de Canudos” (CUNHA, 1963, p. 412). Euclides vai introduzindo aos poucos os elementos, um de cada vez, obrigando o leitor a imaginá-los. Para isso a vírgula é usada como recurso.

Quebra textual

Como um possível resultado da aproximação aos moldes cinematográficos geralmente as quebras na narrativas eram pela questão temporal ou espacial. Os cortes de “cena” como visto anteriormente, e a mudança de foco de narração se faz importante na análise da estrutura da narrativa. Isso porque o recurso pode garantir ou não ao leitor continuar interessado na leitura. Conforme Lima (2009, p. 145), sem “o emprego bem-dosado de elementos extraídos dessa bateria de recursos, dificilmente a fluidez existirá no livro-reportagem”.

O cinema não apenas fragmenta ou estende os planos até o plano-sequência; também seleciona e enquadra as imagens e, ao teatralizar os eventos, reelabora a realidade em um produto que soma às relações *em presença* da fotografia as relações *em sucessão* da imagem em movimento. (LAGE, 2006, p. 36).

Na questão temporal tem-se a quebra de cronologia e uso dos flashbacks como já citados de modo a fazer contextualização, um modo de introduzir as informações de forma leve para não cansar o leitor.

Pessoas da narrativa

É comum no jornalismo literário o uso da terceira pessoa, talvez com o mesmo objetivo do narrador onisciente, presente na literatura. Que é o distanciamento do leitor e a transmissão do pensamento de quem tudo sabe e não está presente nos acontecimentos. Assim, “está fora de cogitação o desempenho do narrador tradicional, aquele que apresenta a nitidez do personagem favorecida pelo distanciamento da voz na terceira pessoa” (BULHÕES, p 161, 2007). Muitas vezes o narrador se torna personagem com a participação na história.

A primeira pessoa é utilizada nas reportagens literárias e pode ser positiva também, já que o pensamento pode levar ao jornalista que esteve presente, viu e então comprova os fatos. No livro “Cinema e outras reportagens”: “quando saímos do elevador no andar de Reinhardt, Huston fixou-se num homem pequeno de chapéu-coco [...] Batemos na porta da suíte de Reinhardt e ele mesmo atendeu” (ROSS, 1977, p. 297). Mostrando a participação de Lillian como personagem com o verbo “batemos”.

Em “Os sertões”, o texto contém o narrador em terceira pessoa principalmente no começo. Não temos contraste maior em nossa história. Está nêle a sua feição verdadeiramente nacional. Fora disto mal a vislumbramos nas côrtes espetaculosas dos governantes [...]. (CUNHA, 1963, p. 72).

Já em “O velho e o mar”, como o tradicional escrito literário, a narrativa se constrói em terceira pessoa, onisciente. A mesma configuração está em “A sangue frio” de Truman Capote, inclusive os aspectos internos que envolvem os personagens. Em “O voyeur” o narrador é o próprio autor, em primeira pessoa. Mais se parece a um relato em que conta cronologicamente suas experiências com Gerald Foos e diversas vezes participa de forma nítida como personagem da história.

Interioridade

É visível as descrições de pensamentos, desejos e sentimentos dos personagens da história no jornalismo literário como usado em produções totalmente literárias. Além de detalhes íntimos e pessoais da vida deles. “O *new journalism* deu um passo na direção do mais abrangente, ao introduzir monólogos interiores dos personagens de suas matérias e fluxos de consciência, até então só empregados na literatura de ficção.” (LIMA, 2009, p. 131).

Em “Os sertões”, a moral opinativa do escritor é clara, diferente da forma implícita de Lillian. “Além disto a guerra é uma coisa monstruosa e ilógica em tudo. Na sua maneira atual é uma organização técnica superior” (CUNHA, 1963, p. 203). Os pensamentos e sentimentos são colocados ao leitor que passa a conhecer o personagem em seus aspectos mais íntimos, como em “O velho e o mar”: “[...] sonhou com a África de quando era rapaz, com as longas praias douradas e as praias brancas [...]” (HEMINGWAY, 1975, p. 26).

Diferente dos demais escritores analisados, em “O voyeur” não é visto o pensamento dos personagens, exceto os do escritor e de Foos. Nas outras obras os escritores precisavam desvendar esses pensamentos e desejos, mas Talese não teve este trabalho pois recebia as cartas de Foos que já continham tais informações escritas pelo próprio voyeur, seu principal personagem.

Personagens

Os personagens eram as pessoas reais referidas pelas produções jornalísticas, mas que muito se pareciam a personagens fictícias pela forma que eram descritos pelos jornalistas. Além das descrições físicas também existiam o lado interno de quem eram.

O modo de retratação é muito importante porque o jornalista tem como referência pessoas reais, sendo seu dever tentar se aproximar o máximo possível da verdade sobre tal pessoa. Desta forma a responsabilidade começa com a própria relação à fonte. O “autor deve a priori mostrar aos personagens o que pretende fazer, qual é a proposta da história, como pretende levantar os elementos para construí-la, como vai escrever e quem é responsável pelo quê, em tudo” (LIMA, 2009, p. 394).

Lillian possui vários modos de representar os personagens, como se o fizesse através de pontos que os diferencia dos demais, cada qual com sua especificidade. Mais uma vez Lillian consegue mostrar a personalidade dos perfilados e deixar subentendido suas percepções sem dizer claramente, ainda mais por talvez deturpar a imagem do toureiro. “[...] a

descrição da personagem funciona no sentido de torná-la representativa de determinado ponto de vista, ganhando ou perdendo com isso a simpatia do narrador” (COSSON, 2007, p. 220)

No livro, igual na ficção, há vários personagens e é necessário contextualizar para fazer o leitor conhecê-los. “A identificação sistemática de lugares (onde) e de personagens (quem) também cumpre uma função argumentativa: localiza, situa, transmite a idéia de precisão [...]” (MOTTA, s.d., p. 10).

No livro “O voyeur”, Talese conta inclusive sobre seu processo de trabalho.

O que faço como pesquisador está sempre misturado com o que sinto ao fazê-lo, e mantenho um registro disso. Sou sempre parte da pauta. Isso fica evidente para qualquer um que ler minhas anotações datilografadas. (TALESE, 2016, p. 231).

O qual justifica o fato de ser um personagem da história. Já Truman, como Lillian, também usa comparações para descrever os personagens, que é feita de maneira mais minuciosa: “[...] o olho esquerdo francamente viperino, com uma expressão franzida e venenosa, e uma cor azul doentia que, embora involuntariamente adquirida, parecia ainda assim anunciar o sedimento amargo [...]” (CAPOTE, 2003, p. 56). No jornalismo, o uso de adjetivos acaba por imprimir carga de valor e opinião.

Tempo e cronologia

Diferente do lead no jornalismo com o fato principal contado de imediato, as produções se parecem às histórias literárias, contadas de forma cronológica. Mas também com presença de flashbacks com lembranças passadas dos personagens ou para mostrar aspectos que se faziam importantes à narrativa presente. Na ficção, na maioria das vezes, prevalece a continuidade narrativa com o começo, meio (clímax) e fim. Assim podemos dizer que a distância entre jornalismo e literatura não é tão grande como parece. Isto porque no jornalismo literário há o uso de flashbacks com o pensamento de um personagem, ou lembrando de algum acontecimento.

Em “Cinema” a passagem do momento presente ao passado é visível em “[...] a gente nunca está só em Nova York no verão”, disse pondo as mãos no colo. A primeira vez que Huston veio a Nova York foi em 1919, quando tinha treze anos [...]” (ROSS, 1977, p. 115). Neste caso o elo é a cidade de Nova York, por meio da fala de Huston.

É possível imaginar o fato presente da fala de Huston acontecendo, seguido pela retomada de sua infância, como a transição de uma fala que leva a um pensamento.

Como na escrita de Euclides, em “O velho e o mar” a narrativa é cronológica diferenciando-se pela maior ênfase em relação às ações dos personagens. A narrativa de Truman Capote é cronológica, e às vezes usa de flashbacks ou relatos da infância do personagem. “Seguindo a linha das relações de contigüidade, o autor realista realiza digressões metonímicas, indo da intriga à atmosfera e das personagens ao quadro espaço-temporal. Mostra-se ávido de pormenores sinedóquicos” (JAKOBSON, p. 57, 1974).

Diálogo e aspas

Como na literatura, é presentes diálogos entre os personagens, inclusive com o uso de travessões. As aspas também foram comumente usadas reproduzindo grandes falas. No jornalismo uma das convenções é a busca pela impessoalidade. Para isso são usados certos recursos que aumentam a distância entre o profissional e suas opiniões enquanto pessoa. Um desses métodos é o uso de aspas. “Os jornalistas vêm as citações de opiniões de outras pessoas como uma forma de prova suplementar. Ao inserir a opinião de alguém, os jornalistas acham que deixam de participar na notícia [...]” (TRAQUINA, 2005, p 140).

Estas outras pessoas são geralmente especialistas ou conhecedores do assunto, com um grau maior de pontualidade buscada pela informação. Mas no jornalismo literário além das aspas, utiliza os diálogos e travessões. Recurso da literatura que pode também ser usado para a criação de identidade e mostrar personalidade.

Fidelidade às informações

Com as discussões dos recursos anteriores, principalmente os diálogos, se abriram aspectos importantes no que diz a responsabilidade jornalística de seguir o real. Isto porque os jornalistas analisados não usavam gravadores em suas produções, se calcando na memória como principal ferramenta.

Uma grande responsabilidade do jornalismo literário é com a “verdade” em relação às pessoa envolvidas. Isso porque podem entender de forma equivocada alguma fala ou acontecimento pelo modo relatado, ou seja, interpretar de maneira diferente. Ou ainda dizer que não fez ou falou tal coisa por perceber que aquilo o prejudicou de algum modo. Neste

ponto, tem-se a indagação sobre as informações íntimas e pessoais, além dos detalhes usados nos livros-reportagens.

Mesmo com as tentativas e utilização de recursos, sempre a opinião estará intrínseca e só um olhar muito atento sobre a forma de escrita e uso de certas palavras e modos em relação à outros, podem desvendar essas opiniões. Como exemplo, a própria Lillian afirma que “embora eu não revelasse meu ponto de vista diretamente, implícito na escolha que fiz dos detalhes e na atmosfera total criada, estava o meu sentimento de afeto e admiração.” (ROSS, 1977, p. 78).

Considerações Finais

Com as indagações, contata-se que o jornalismo (mesmo o literário), como meio de comunicação continua tendo como base sua responsabilidade de transmitir informações. Na década de 1960 talvez como um resultado ou necessidade de mudanças conforme o meio social, jornalismo e literatura acabam se unindo e dando origem ao movimento do *New Journalism*.

No jornalismo tradicional, apesar de muito sutil, às vezes é perceptível uma carga opinativa nos produtos jornalísticos, seja em uma notícia, reportagem ou no perfil que é ainda mais visível. Isso entra em contraposição a impessoalidade tão pregada no meio.

A exatidão factual também pode esconder distorções, porque jornalistas não apenas reproduzem os fatos, mas dão sentido a versões dos acontecimentos em suas reportagens. Eventualmente, uma história pode ser escrita a partir de ângulos diferentes e vários deles serem verdadeiros. (COSTA, 2005, p. 286)

Estas discussões sobre imparcialidade se acentuam ainda mais no jornalismo literário, pois inclui elementos que acabam por se aproximar mais da ficção do que da “realidade”. Surge, assim, a indagação do que seria a “realidade”, e se esta tendência em acreditar mais na aproximação da ficção seja por que realmente o seja ou por uma convenção e uso destes elementos no gênero.

No final das contas, acaba prevalecendo uma nova realidade, pois ela sempre é socialmente construída, seja pela linguagem, pela cultura ou pelas forças políticas e sociais. Na maioria das vezes, por todos esses fatores juntos. Não existe um real acabado, definitivo, que seja a expressão absoluta da verdade. (PENA, 2008, p. 114)

Também é notável que muitos outros aspectos envolvem o tema. Jornalismo literário pode ser considerado literatura? Mais que uma resposta direta, teve-se um conjunto de comparações e discussões apresentadas acerca do assunto que permitiram ultrapassar as questões conceituais e entender as dinâmicas que envolvem ambos os gêneros, permitindo a cada um deles estabelecer certos critérios de análise que vão mais ou menos para algum dos lados. Na realidade o que temos é um novo estilo narrativo, um novo gênero conhecido como jornalismo literário, com suas características e regras próprias.

Como aponta o artigo “A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário” de Vítor Necchi, “não se trata de jornalismo de literatura, ou seja, que se ocupa da literatura como objeto”. Desta forma, a preocupação é bem maior em noticiar de uma maneira diferente, utilizando recursos literários. Continuam os mesmos processos de apuração dos fatos, inclusive de uma maneira mais intensa buscando detalhes através de muita pesquisa, algo improvável no jornalismo diário atual.

Isso porque no jornalismo literário é usado, como exemplo, falas diretas, descrição de ambientes, reprodução de pensamentos e outras minúcias possíveis apenas com uma sensibilidade e um bom faro, “que surpreendam a partir de uma pauta que rompe com visões óbvias ou hegemônicas sobre a realidade” (NECCHI, 2009, p. 103).

Atualmente ainda persistem traços de jornalismo literário em perfis e crônicas, por exemplo, além do encadeamento de jornalistas no empenho dos livros-reportagem. Apesar de grandes nomes atuais que ainda possuem um eixo no jornalismo literário, não é tão forte esta disposição para o gênero quanto era nos anos 1960. Um ponto apresentado por Cristiane Costa pode ser visto como um dos fatores a este cenário:

Quando tempo se torna sinônimo de dinheiro, o maior benefício do jornalismo para um escritor corresponde ao seu pior problema. Sem retorno financeiro, pelo menos a curto e médio prazo, a literatura só pode ser encarada como uma segunda atividade, a ser levada a cabo nas horas insones, com o cérebro e os dedos já esgotados por horas de trabalho. (COSTA, p. 327, 2005).

Ao se pensar sobre os conceitos e conteúdos a que ele se refere, o jornalismo literário pode ser uma chave para a decadência do jornal impresso hoje. Isso porque é uma forma de atrair a atenção do leitor. Através de uma narrativa envolvente, capaz de despertar o interesse pelo acontecimento e pelo fim da narrativa. A notícia em si, o fato, não precisa mais estar estampada no título e no lead, pode aparecer no clímax da história, no meio ou final do texto.

Os escritores no novo jornalismo tiveram repercussão ao retomar uma forma de escrita já existente, em um momento propício a novas mudanças. A mesma revolução vivenciada no modo de vida daquela sociedade se repercutiu na forma que consumiam a escrita, que se adapta a tais características da época. O jornalismo pode ser visto em todo momento como um reflexo da sociedade, isso porque tem sua sobrevivência graças aos acontecimentos mundanos. Como afirma Jorge Pedro Souza (p. 5, s.d) “o jornalismo é uma representação discursiva da vida humana na sua diversidade de vivências e ideias”.

Cada vez mais o tamanho das matérias jornalísticas está diminuindo. Ainda mais com a ascensão dos meios tecnológicos como difusores de informação. Esses meios podem alcançar um maior número de pessoas que podem ter acesso simplesmente rolando a timeline de sua rede social. Mas ao mesmo tempo existem mais consumidores, cada vez mais superficiais. O resultado é uma cultura dependente da rapidez, agilidade e conseqüente superficialidade.

Assim, é importante o desvendamento das nuances que compreendem o jornalismo atual para que seja possível uma evolução dos processos como necessidade da nova realidade digital. Da mesma forma que a realidade jornalística hoje é resultado de todos os processos pelo qual se passou o jornalismo e a literatura, refletindo no jornalismo literário como um novo gênero de configurações próprias.

Na década estudada, foi muito representativa a força do jornalismo literário, principalmente, nos Estados Unidos. Isso devido não só a literatura, mas ao cinema que proporcionou a ela elementos que tentou reproduzir, conseqüentemente adotados pelo jornalismo literário mais à frente. Por estas e outras características ficcionais, além dos processos jornalísticos perceptíveis na construção narrativa, é visível o espaço ocupado pela jornalista Lillian Ross, não só como exceção por ser mulher e ocupar uma cadeira na redação da época, mas também revolucionária ao abrir as portas para o jornalismo literário.

O panorama da vida e profissão de Lillian e a análise de suas obras, de uma maneira aprofundada acerca dos mecanismos de construção narrativa, se fizeram importantes para resgatar e dar visibilidade à jornalista. Permitiu situar o seu modo de escrita não só em relação a época, mas como modelo de consulta e conhecimento para os dias atuais.

Referências

BATUTA, rádio. **Lillian Ross**. 16 nov. 2017. Disponível em: <https://radiobatuta.com.br/programa/lillian-ross/>. Acesso em: 22 out. 2019, il.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida, GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

COSSON, Rildo. **Fronteiras contaminadas: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CUNHA, Euclides. **Os sertões-Campanha de Canudos**. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HEMINGWAY, Ernest. **O velho e o mar**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 16. ed., 1975.

HEROLD, Valentine. Truman Capote marcou a literatura e o jornalismo para sempre. **Jornal do Comercio**. Recife, 17 set. 2017. Disponível em: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2017/09/17/truman-capote-marcou-a-literatura-e-o-jornalismo-para-sempre-307025.php>. Acesso em: 24 jul. 2019.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

KAUFMAN , [Michael T.](#) Lillian Ross, Acclaimed Reporter for The New Yorker, Dies at 99.

The New York Times. New York, 20 set. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/09/20/business/media/lillian-ross-dead-new-yorker-reporter-who-wrote-memoir-of-love-affair.html>. Acesso em: 19 set. 2019.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**: Norte e Sul. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LABAKI, Amir. A Arte de Lillian Ross. **É Tudo Verdade** (coluna semanal no Valor Econômico). São Paulo, 29 set. 2017. Disponível em: <http://etudoverdade.com.br/br/noticia/1783-A-Arte-de-Lillian-Ross>. Acesso em: 01 out. 2019.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2009.

MEIRELES, Maurício. Lillian Ross, precursora do jornalismo literário, morre aos 99, nos EUA. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 20 set. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/09/1920214-lillian-ross-mae-do-jornalismo-literario-morre-aos-99-nos-eua.shtml>. Acesso em: 19 set. 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.

NECCHI, Vitor. “A (im) pertinência da denominação “jornalismo literário”. In: Estudos em Jornalismo e Mídia. Santa Catarina, n. 1, p. 99 – 109, 2009. Publicação semestral do Programa de Pós-graduação em Jornalismo (UFSC). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p99/10420>. Acesso em: 12 jun. 2019.

_____. **Morre Lillian Ross, decana do jornalismo literário**. Medium. 21 set. 2017. Disponível em: <https://medium.com/@vitorneccchi/morre-lillian-ross-decana-do-jornalismo-liter%C3%A1rio-4b5410d99e72>. Acesso em: 22 out. 2019, il.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

REIS, Paulo. **Arte de vanguarda no Brasil**: os anos 60. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=yuqbAz0TjrwC&oi=fnd&pg=PA7&dq=anos+60&ots=JcTGHmYbV2&sig=3MWQ2B WaDDcmw4aSkkTiYJWUuSk#v=onepage&q=anos%2060&f=false>. Acesso em: 27 jun. 2019.

ROSS, Lillian. **Cinema e outras reportagens**. Rio de Janeiro, Agir, 1977.



SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2019.

TALESE, Gay. **O Voyeur**. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

TODOROV, Tzvetan. **Teoria da literatura**: textos dos formalistas russos. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005. (vol. I).